

..... Artigo

DOI: <https://doi.org/10.23925/1982-4807.2025137e69070>

ASCENSÃO DE LIDERANÇAS POLÍTICAS ANTSSISTEMA NO BRASIL: UM ESTUDO DE CASO DE KIM KATAGUIRI

Florence Perez¹
Tathiana Chicarino²

RESUMO

O estudo analisa a ascensão de Kim Kataguiuri no cenário político brasileiro. O objetivo é entender como o declínio do neoliberalismo criou uma crise de representatividade, impulsionando líderes populistas que utilizam as redes sociais para mobilizar o eleitorado. No Brasil, essa falta de percepção de democracia eclodiu nas Jornadas de Junho de 2013 e culminou no impulsionamento de figuras antissistema como Kim. Com o Movimento Brasil Livre (MBL), ele capitalizou essa conjuntura com uma retórica antissistema. O sucesso eleitoral em 2018 e 2022 mostra a eficácia da estratégia na era digital, onde a política se torna cada vez mais personalizada e emotiva. A questão central é até que ponto Kim é realmente antissistema ou se o discurso populista é apenas uma performance para sua ascensão como figura pública influente no novo cenário político que emergiu no Brasil nos últimos 10 anos.

Palavras-chave: Kim; Neoliberalismo; Democracia; Antissistema; Jornadas de Junho.

ABSTRACT

The study analyzes the rise of Kim Kataguiuri in the Brazilian political scene. The aim is to understand how the decline of neoliberalism created a crisis of representation, boosting populist leaders who use social media to mobilize voters. In Brazil, this lack of perception of democracy erupted during the June 2013 protests and culminated in the rise of anti-establishment figures like Kim. Through the Free Brazil Movement (MBL), he capitalized on this conjuncture with an anti-establishment rhetoric. His electoral success in 2018 and 2022 demonstrates the effectiveness of the strategy in the digital era, where politics becomes increasingly personalized and emotional. The central question is to what extent Kim is truly anti-establishment or whether his populist discourse is merely a performance to elevate himself as an influential public figure in the new political landscape that has emerged in Brazil over the past 10 years.

Keywords: Kim; Neoliberalism; Democracy; Anti-system; June Protests.

RESUMEN

El estudio analiza el ascenso de Kim Kataguiuri en el escenario político brasileño. El objetivo es entender cómo el declive del neoliberalismo generó una crisis de representatividad, impulsando a líderes populistas que utilizan las redes sociales para movilizar a los votantes. En Brasil, esta falta de percepción de la democracia estalló durante las Jornadas de Junio de 2013 y culminó con el auge de figuras antisistema como Kim. A través del Movimiento Brasil Libre (MBL), él capitalizó esta coyuntura con una retórica antisistema. Su éxito electoral en 2018 y 2022 muestra la efectividad de la estrategia en la era digital, donde la política se vuelve cada vez más personalizada y emocional. La cuestión central es hasta qué punto Kim es realmente antisistema o si su discurso populista es solo una actuación para elevarse como una figura pública influyente en el nuevo panorama político que ha emergido en Brasil en los últimos 10 años.

Palabras clave: Kim; Neoliberalismo; Democracia; Antisistema; Jornadas de Junio.

¹ Florence Perez. Especialista em Redes Digitais, Política e Cultura pela PUC-SP, florpperez@gmail.com.

² Tathiana Senne Chicarino. Doutora e mestra em Ciências Sociais pela PUC-SP. ORCID: [0000-0002-9306-5668](https://orcid.org/0000-0002-9306-5668). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5300194074438349>.



Artigo



1. INTRODUÇÃO

O sistema neoliberal está nos fazendo entrar na era pós democrática.³

A ação coletiva nunca é de todo espontânea. Ela é estruturada pelas formas de comunicação responsáveis por definir o cenário para a sua exibição (GERBAUDO, 2021). A sentença não poderia fazer mais sentido com a emergência de um ciclo de revoltas democráticas no Brasil a partir das Jornadas de Junho de 2013. A onda antipolítica acabou sendo capitalizada por “novas direitas”, ao “[...] notaram ali uma oportunidade de confrontar diretamente o sistema político” (NOBRE, 2022, p.18).

O primeiro movimento brasileiro especialmente organizado a partir das redes sociais fez da rua o palco de suas performances e abriu espaço para Kim Kataguirí. Nova liderança política, ele aproveita o descontentamento popular para construir seu protagonismo a partir da fundação do Movimento Brasil Livre (MBL) - que protagonizou uma série de protestos contra a governança do Partido dos Trabalhadores (PT), a partir de 2014.

Logo, Kim transforma-se em personalidade no meio digital, quando explora o sentimento de revolta e descontentamento da população, fazendo uso da retórica do ódio, impulsionada pelas mídias sociais, para mobilizar a opinião pública e vencer a batalha por mentes. Em 2018, aos 22 anos, ele foi o quarto deputado federal mais votado do Brasil, com mais de 400 mil votos, e no pleito de 2022 conquistou a décima posição⁴.

Assim como outros *outsiders*, personalidades sem carreira política prévia, Kim surge em um período de profunda crise de representatividade não apenas no Brasil, mas globalmente. O neoliberalismo, como modelo econômico, parece não conseguir atender às necessidades de boa parte da população frente aos problemas sociais e às enormes desigualdades, nutrindo uma percepção de falta de democracia. As manifestações de Junho de 2013 representam, assim, “[...]”

³ DARDOT, P., LAVAL, C. A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal. Boitempo: São Paulo, 2016.

⁴ Perfil de Kim Kataguirí publicado pela Revista Exame em 03 de abril de 2014 disponível em: <https://exame.com/brasil/eleicoes-kim-kataguiri-pre-candidato-a-prefeitura-de-sp-e-entrevistado-da-exame-nesta-quinta/> e matéria publicada na Folha de São Paulo em 09 de outubro de 2018 disponível: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/veja-quem-sao-os-15-deputados-federais-mais-votados-no-pais.shtml>.

..... Artigo

o marco de uma nova configuração de sociabilidade e, portanto, de novas configurações na política” (NOBRE, 2022, p.15), onde a relação entre sociedade e instituições foi fragilizada.

Tomando esse momento histórico como um ponto de partida, este trabalho parte da premissa de que a crise do neoliberalismo e, conseqüentemente, da ideia de democracia e dos pactos institucionais, contribuiu para que figuras antissistema conduzissem o descontentamento popular das mobilizações de Junho, para uma organização em termos de uma oposição anti-institucional.

A eleição de Bolsonaro e suas conseqüências para a democracia brasileira foi amplamente estudada e discutida. O filósofo e professor da Unicamp Marcos Nobre, fonte deste artigo, lançou quatro livros nos últimos 10 anos que, de certa forma, juntos, buscam um entendimento sobre o momento histórico que o Brasil viveu até a chegada de Bolsonaro ao poder e seus desdobramentos⁵. Também citadas neste estudo, estão as professoras e pesquisadoras Tathiana Chicarino e Rosemary Segurado. Juntas, elas demonstraram em artigo, em 2019, como as redes sociais ajudaram a customizar a imagem do ex-presidente para atender às necessidades de cada eleitor, estreando, assim, uma nova forma de fazer propaganda política.

No entanto, para além da eleição de Bolsonaro, é preciso também estar atento às mudanças no Congresso brasileiro naquele mesmo ano. As ideias antissistema ganharam força e viralizaram nos meios digitais. A conseqüente inclinação da maioria dos cidadãos por discursos de antagonismo com relação a classe política tradicional e sua simpatia pelos candidatos inimigos do sistema teve reflexo nas urnas: a renovação de 47% na Câmara dos Deputados⁶, em sua maioria partidos de direita e extrema direita. Entre os vitoriosos, muitos *outsiders* aparecem com discursos, basicamente, de crítica à ordem estabelecida e ao governo em exercício, como Kim, líder do MBL; a ex-repórter da revista Veja, Joice Hasselmann (PSL-SP), apontada como a musa da Lava Jato; o ator Alexandre Frota (PSL-SP), que participou de vários grupos antipetistas; a gerente e ativista do movimento Nas Ruas⁷, Carla Zambelli (PSL-SP), entre outros.

⁵ Choque de Democracia: Razões da Revolta e Imobilismo em movimento, em 2013; Ponto Final: a guerra de Bolsonaro contra a Democracia, em 2020.

⁶ Os partidos mais à direita foram os grandes vencedores da eleição, sobretudo o inexpressivo Partido Social Liberal (PSL), que virou a segunda maior força da Câmara, embalado pela popularidade do presidente eleito Jair Bolsonaro.

⁷ Nas Ruas é um movimento de direita fundado por Carla Zambelli em julho de 2011, que tem como pauta o combate à corrupção.

..... Artigo

Para um entendimento mais profundo desse fenômeno político, a primeira seção deste artigo traz uma breve revisão acerca do surgimento e das premissas do neoliberalismo, bem como se dá a sua crise. Das suas “ruínas”, nasce o descontentamento popular e revoltas democráticas em nível global, capitalizadas por novos sujeitos que se colocam contra a política tradicional e contra as instituições. Desse contexto político-social surge o cenário ideal que propiciou a escalada de Kim.

A seguir, a seção 2 discute o quanto parece paradoxal a postura antissistema de Kim. A lógica do neoliberalismo, enquanto sistema econômico e cultural, ajuda a compreender o líder do MBL no meio digital e, com efeito, na política. Ele faz uso do sistema para se eleger, para defender o *impeachment* da então presidente Dilma Rousseff, ao mesmo tempo em que ganha notoriedade num movimento que foi para as ruas incentivando o descontentamento e a desconfiança nas instituições.

A última seção trata como Kim explorou o poder de identificação e alcance gerado pelas redes sociais por meio de discursos de ódio. Sua eleição, assim como de outros políticos que o sucederam, representa um novo modelo de política partidária, classificado por Nobre (2022) como “democracia digital” e seus “partidos digitais” e “partidos plataforma”. Kim usa um novo modelo de propaganda eleitoral ao se postular como um grande herói na luta pelo povo. Logo, o “partido do eu” como projeto de uma construção de narrativa quase mitológica, deixa a legenda partidária em segundo plano.

Este estudo, portanto, não apenas busca compreender as dinâmicas que propiciaram a ascensão de Kim Kataguirí, mas também pretende contribuir para uma reflexão sobre as transformações na política brasileira, sob o impacto da crise do neoliberalismo e as tecnologias digitais. Aqui, será analisado até que ponto o *outsider* é um antissistema ou se o discurso populista é apenas uma “embalagem” para tornar-se figura de relevância pública no novo cenário político que se estabeleceu no Brasil pós-Junho de 2013.

2. CRISE DO NEOLIBERALISMO, UM BERÇÁRIO ANTISSISTÊMICO

Kim Kataguirí surge em um momento sociopolítico que reúne três fatores fundamentais para destacá-lo como um fenômeno: crise de representatividade democrática, descrença nas instituições (endossada pelo MBL) e a expansão do uso das redes sociais como veículo de disseminação de ideias e mobilização social. Na base de tudo isso, o declínio do neoliberalismo, enquanto sistema econômico e cultural, “[...] abriu caminho para uma disputa de modelos de

..... Artigo

sociedade em que a própria democracia deixou de representar a referência primeira nas disputas em torno da melhor maneira de regular a vida em sociedade” (NOBRE, 2022, p.26).

É preciso voltar um pouco no tempo para entender melhor. Do ponto de vista histórico, Dardot e Laval (2016) apontam que o neoliberalismo decorre de uma crise filosófica: seria função do Estado planejar e realizar investimentos econômicos? O que mais importa é a criação do mercado ou a proteção da sociedade? Em vista disso, o neoliberalismo surge como resposta à crise do liberalismo, ou melhor, “a crise do modo de governar”, “A tensão entre dois tipos de liberalismo, o dos reformistas sociais que defendem um ideal de bem comum e o dos partidários da liberdade individual como fim absoluto, na realidade nunca cessou” (DARDOT; LAVAL, 2016, p.36).

Em razão desse “duelo” no modo de entender a agenda do Estado, os principais proponentes do que viria a ser o neoliberalismo se reuniram no Colóquio Walter Lippmann, em 1938, sediado em Paris. Surge, a partir desse encontro, uma tendência de oposição, de certa forma, à ideia liberal de que há uma importância irreduzível do Estado, ainda que mínimo, a importância de proteger certas minorias, de enfatizar, por exemplo, a educação, a saúde e a assistência social, onde “[...] o que importa, na verdade, é opor um front unido ao “intervencionismo de Estado” e à “escalada do coletivismo” (DARDOT; LAVAL, 2016, p.71).

No neoliberalismo, o livre mercado não é um dado natural, mas uma construção política, cultural e jurídica. A ideia central é que a liberdade individual e a eficiência econômica são maximizadas quando os mercados operam com o mínimo de interferência do Estado. Os teóricos neoliberais defendem a essencialidade do livre mercado, a privatização de estatais, a desregulação do Estado na economia e a proteção da propriedade privada dos meios de produção. O acúmulo de riquezas sem precedentes, gerando graves desigualdades sociais, e o enfraquecimento dos sistemas de proteção social são consequências dessa lógica, que se baseia na competição e “[...] com a ideia de que se os ricos são mais ricos é melhor para todos” (GERBAUDO, 2022, tradução nossa)⁸.

Nessa estrutura de pensamento ideológico, toda ação humana passa a ser medida por uma relação de custo-benefício, onde há um reforço de tendências desigualitárias. “Essa norma impõe a cada um de nós que vivamos num universo de competição generalizada, intima os

⁸ Entrevista com Paolo Gerbaudo para a Universidad Pompeu Fabra. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=CmMYIHEFaJU>.

Revista Ponto-e-Vírgula, São Paulo, V. 2 n37e69070

Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - PUCSP

<https://revistas.pucsp.br/pontoevirgula>

..... Artigo

assalariados e as populações a entrar em luta econômica uns contra os outros [...]” (DARDOT; LAVAL, 2016, p.14). Os sujeitos, portanto, precisam se adaptar permanentemente de acordo com um novo modelo de produção globalizada, sobretudo com a interiorização de um modelo de empresa.

Algumas mudanças sociais acompanham a expansão desse sistema pelo mundo. O aumento de produtividade por processos de mecanização, o aumento do lucro e, conseqüentemente, a diminuição do poder de compra do trabalhador, o enfraquecimento das fronteiras (mais acesso a produtos estrangeiros). As políticas de austeridade ganharam destaque durante o período neoliberal.

A privatização de empresas públicas, e a queda do bem-estar social, embora tenha aliviado as sociedades do seu fardo burocrático, faz piorar as condições de vida da maioria dos cidadãos, rompe o contrato social histórico entre capital, trabalho e Estado, e usurpa grande parte da rede de seguridade social, viga mestre da legitimidade do governo na visão de pessoas comuns (CASTELLS, 2018, p.417).

A prática econômica e fiscal para controle rigoroso das despesas públicas, envolvendo cortes de gastos em áreas como serviços públicos, saúde, educação e programas sociais, bem como o aumento de impostos e medidas para reduzir o déficit orçamentário e a dívida pública, implicaram no aumento do desemprego e em crises econômicas, que foram sentidos desde os anos finais da década de 1990. A partir de 2010, houve um crescente descontentamento popular de maneira global (GERBAUDO, 2022)⁹.

Ocorre que, depois de superendividar Estados e famílias, estreitaram-se as margens para que esse processo de financeirização pudesse ter continuidade, tanto do lado econômico quanto social. [...] Não se cumpriu a cláusula geracional. Não se cumpriu a sua promessa gêmea, a da democratização da democracia (NOBRE, 2022, p.25).

Com as desigualdades grotescas, as pessoas passaram a não se sentir mais representadas politicamente. “Porque os cidadãos vão aos políticos e lhes demandam coisas, serviços, mudanças e os políticos dizem que não podem fazer nada porque o mercado decide tudo. É claro que se forma um forte ceticismo sobre a política e sobre a classe política” (GERBAUDO, 2022, tradução nossa)¹⁰.

Esse sentimento generalizado de alienação política teve conseqüências significativas para a democracia, com o aumento do apoio a movimentos populistas ou extremistas que prometem mudanças radicais e à erosão geral da confiança nas instituições democráticas. “Por

⁹ Idem, 6.

¹⁰ Idem, 6.

..... Artigo

não se autorreformular, por não abrir novos canais de interação, influência e participação do eleitorado, o sistema político empurrou parte substantiva da energia social de transformação para aquela figura institucional que prometia realizar essa reforma” (NOBRE, 2022, p.19).

Em 2017, uma pesquisa do Instituto Ipsos deixou clara a descrença no sistema político tradicional: 93% dos brasileiros não confiam nos políticos em geral, e 86% dos entrevistados disseram concordar, parcialmente ou totalmente, com a frase: “os partidos e políticos tradicionais não se preocupam com pessoas como eu”. No Brasil, as Jornadas de Junho foram a força motriz para o despertar do descrédito da população nas instituições e criar a sensação de pertencimento, que até então estava dissipada, com um movimento organizado que questionava o governo e tudo que estava estabelecido até aquele momento.

As “novas direitas” (NOBRE, 2022) enxergaram uma oportunidade de confrontar o sistema político e chegar ao poder pela via eleitoral, portanto, institucional, e direcionar o impulso antissistêmico. Junho de 2013 ganha visibilidade rapidamente, e com a investida de novos sujeitos, acumulou mais pautas além das iniciais chamadas pela luta contra o aumento de preço das passagens. É neste momento que surge em cena o MBL, liderado por Kim Kataguirí, cuja participação injetou nas ruas um movimento autointitulado contra a corrupção, mirando a figura de Dilma Rousseff — então presidente — enfraquecendo também seu partido, o PT.

Nobre (2022) alerta para o fato de o sistema político não ter escutado o clamor social e não ter se autorreformado. O que ele chama de “energia das ruas” foi canalizada pela direita para uma outra figura institucional: a Operação Lava Jato. No período 2015-18, a luta contra a corrupção era uma espécie de última instância do poder para fazer valer a insatisfação popular.

Não por acaso, a Lava Jato mirou suas baterias para derrubar o governo Dilma Rousseff e, em seguida, o governo Michel Temer. Conseguiu o primeiro objetivo, não alcançou o segundo. Mas o fato de não ter conseguido alcançar esse objetivo no caso do Temer reforçou ainda mais o impulso social antissistema (NOBRE, 2022, p.19).

Essa tensão e instabilidade política durou até a campanha de 2018. O poder de polícia não tomou o controle, mas enfraqueceu o poder político, tornando viável candidaturas antissistema (NOBRE, 2022), como a de Kim Kataguirí.

Ao se colocar como uma figura representativa da anticorrupção, a partir das Jornadas de Junho, Kim dá continuidade às suas investidas como sujeito *outsider* no cenário político, se posicionando de forma personalizada e rejeitando os rótulos daquilo que representa a “velha

..... Artigo

política” ou o que ele chama de “política tradicional”. A combinação do descontentamento da população com a democracia e a plena ascensão das redes sociais criaram um cenário favorável. Com as pessoas cada vez mais engajadas politicamente no ambiente *online*, primeiro em páginas e grupos no Facebook — assim como perfis no Twitter — e depois em aplicativos como WhatsApp e Telegram, o MBL ganha força ao ser legitimado pelas redes, sobretudo por conta de seus discursos contrários ao sistema político, em especial, a governos de esquerda como o do PT.

O movimento também impulsiona uma agenda neoliberal (Venera; Schiavoni, 2020), ativando redes informais e distantes da política tradicional, “[...] criando assim novos espaços de convivência e atuação, onde imaginam projetar soluções, levá-las à prática, fixas novas expectativas de direitos, fazer aquilo que os políticos não fazem” (NOGUEIRA, 2001, p.123).

Figura central desse movimento, como cofundador e coordenador do MBL, Kim adquire *status* nacional e tornou-se um fenômeno político midiático numa conjuntura de eventos que incluíram as Jornadas de Junho e o *impeachment* de Dilma Rousseff, período em que atuou como colunista no jornal Folha de S. Paulo.

Para compreender a figura de Kim Kataguiri, é necessário estender a análise para a “Fórmula MBL” (SANTOS; CHAGAS, 2018). Pedro Ferreira, um dos líderes do partido, em entrevista para Folha de São Paulo explica que “o MBL tratou de ocupar uma lacuna no cenário político nacional, que tinha uma esquerda romantizada e militante, mas uma direita envelhecida e conservadora” (SANTOS; CHAGAS, 2018, p.191). Esta lacuna é preenchida pelo que Murray Rothbard, autor que faz parte da bibliografia obrigatória do movimento, denomina como populismo liberal:

[...] a necessidade de um movimento carismático, empolgante, dinâmico, tenaz e confrontador uma nova face da direita que possa combater e confrontar a social-democracia de modo ousado (SANTOS; CHAGAS APUD MURRAY, 2018, p.191).

Populismo pode “ser definido como uma resposta à percepção de falta de democracia, “que tem sido em boa parte do resultado da hegemonia do neoliberalismo” (GERBAUDO, 2022, tradução nossa). Também pode ser entendido como “uma lógica política que constrói identidades coletivas” (Barros, 2022, p.75). Dessa forma, pode se manifestar em diferentes contextos mobilizando uma gama de indivíduos. Barros (2022), o define a partir de três características: (1) discurso antagônico de nós contra eles; (2) estética “transgressivo, irreverente, culturalmente popular”; (3) capacidade de transformar instituições.



Artigo



Quando um líder populista fala em nome do “povo”, ele participa da construção desse sujeito político. E, como esse “povo” precisa ser construído, nada garante que será emancipador ou reacionário, ou que o antagonismo que estabelece com a “elite” radicaliza a democracia liberal ou a coloca em perigo. Existem vários populismos, e qual será triunfante em cada momento histórico se define na luta política (BARROS, 2022, p.78).

Outro conceito importante para entender o populismo é o de vulnerabilidade. Na modernidade, de acordo com Claude Lefort, ocorre um rompimento nas referências de certeza (BARROS *apud* LEFORT, 2022). Nesse sentido, o populismo vai oferecer ao indivíduo uma resposta perante as incertezas. “[...] é compreensível que, diante da vulnerabilidade, as pessoas sejam seduzidas por discursos que prometem certezas, segurança. O populismo reacionário oferece isso” (BARROS, 2022, p.87).

As mídias sociais, por sua vez, catalisam o surgimento desses movimentos. E como nasce no âmbito digital, o MBL unifica as características do populismo liberal com estratégias de comunicação focadas nas redes sociais para ampliar suas bandeiras políticas. Uma vez que os indivíduos ampliam suas vozes, “[...], essas mídias seriam assim um espaço *anti-establishment*, fundamental no discurso populista” (BARROS, 2022, p.85).

Portanto, com discursos que são, basicamente, de crítica da ordem estabelecida e do governo em exercício, e usando o populismo como estratégia de discurso, Kim se projeta como figura destemida contra a corrupção e como figura antissistema, que levaria a voz das ruas para o Planalto. O enredo transforma-se em realidade à medida que seu poder de mobilização e convencimento aumentam, resultando na chegada ao Congresso, em 2018, cinco anos após sua primeira aparição como destaque no cenário sociopolítico brasileiro. A articulação iniciada em 2013 o levou ao primeiro mandato como deputado federal, com 465.310 votos em São Paulo.

3. UM SISTEMA SOB MEDIDA

Uma questão importante a ponderar é até que ponto Kim Kataguirí é antissistema, como foi o caso da sua “luta” contra o governo do PT. Por um lado, ele se coloca “contra a política tradicional”, como um *outsider* do sistema político, enfatizando a desconfiança nas instituições. Por outro lado, constrói sua imagem usando as premissas do neoliberalismo, que funcionam sob medida para as suas intenções políticas, e cobra punição à presidente Dilma Rousseff, por meio de um rito institucional, o *impeachment*. Um paradoxo parece se formar com o antissistema que faz uso do próprio sistema para se estabelecer.



Artigo



[...] o MBL ocupa um quadrante talvez diametralmente oposto ao modelo de ação coletiva usualmente incorporado pelos movimentos sociais. Em vez de discurso coletivista e reforço à confiança nas instituições, há ênfase no papel do indivíduo como protagonista da política. Ainda assim, no lugar de uma agenda centrada na pressão da sociedade civil sobre o Estado, há um apelo para que o Estado exerça papel regulatório e fiscalizador (SANTOS; CHAGAS, 2018. p.210).

O neoliberalismo pode ajudar a entender melhor a força política de Kim e sua atuação antissistêmica. Enquanto sistema econômico e cultural, essa corrente influencia profundamente as subjetividades e os comportamentos dos indivíduos ao construir uma nova “racionalidade” (Dardot; Laval, 2016), que permeia a forma de falar, amar, produzir, desejar. A psique é a sua forma mais produtiva. “O eu como projeto, que acreditava ter se libertado de coerções externas e restrições impostas por outros, submete-se agora a coerções internas na forma de obrigações de desempenho e otimização” (HAN, 2020, p.9).

Quando todas as relações ganham *status* de capital, o eleitor passa a ser encarado como um consumidor. “O eleitor apenas reage de forma passiva à política, criticando, reclamando, exatamente como faz o consumidor diante de um produto ou de um serviço que não gosta”. (HAN, 2020, p.21). Na “democracia dos espectadores” (idem), logo, os políticos precisam agradar esses eleitores-consumidores. Ganha poder quem capitaliza mais *likes* e se alinha com os discursos propagados pelos extremistas, sobretudo no Brasil pós-2013, para conseguir “direcionar o furacão” das insatisfações (KAKUTANI, 2018).

Para Han (2020), esse sistema de modular subjetividades opera com alguns conceitos básicos: o individualismo, a competição e a utilização massiva das tecnologias. Kim faz uso de todos. A começar pelo individualismo, ele se posiciona como figura representativa da anticorrupção. É importante entender que no neoliberalismo, o indivíduo, ou melhor, o interesse individual, é a única evolução possível. “Não há meio termo: ou democracia do consumidor ou ditadura do Estado” (DARDOT; LAVAL, 2016, p.143). Assim, como líder do MBL, Kim teve seu nome amplamente vinculado a todo o “combate” travado com as instituições.

O discurso meritocrático também ganha força e tende a minar as formas de solidariedade e organização coletiva, enfraquecendo as instituições que historicamente desempenharam um papel central na defesa dos interesses coletivos. Seguindo essa lógica de pensamento, Kim tornou-se “a cara” das Jornadas de Junho. Se as eleições de 2018 “inauguraram uma nova forma de se fazer campanha eleitoral” (CHICARINO; SEGURADO, 2019, p.10), os movimentos a partir de 2013 inauguraram uma nova forma de se apresentar como candidato.

..... Artigo

Uma estratégia utilizada pelo político é o uso de narrativas pessoais. Kim adotou uma postura de se colocar à frente das ações políticas como o “sujeito que faz”. Seus conteúdos são produzidos para colocá-lo sempre em posição de destaque em contraponto ao sistema. O lançamento do livro de sua autoria “Como um grupo de desajustados derrubou a presidente” (2019), é um exemplo de construção desse tipo de narrativa que foca na jornada do herói. Ele também adota uma postura de competidor desde as manifestações em Junho de 2013 e a criação do MBL, até o período de campanha eleitoral e após eleito.

No caso da sua propaganda, a estratégia foi usar as redes para fortalecer a descrença dos seguidores a tudo que representa a “velha política”, mais precisamente, os métodos políticos do PT. Numa entrevista para o canal da Folha de São Paulo, no YouTube, em 2016, Kim deixa claro o que significa para ele a política tradicional brasileira e assume a “missão” de cobrar do novo presidente uma nova forma de governar. “Porque não adianta você simplesmente trocar o presidente da República, se você vai utilizar os mesmos métodos, os mesmos loteamentos, o mesmo balcão de negócios, transformar a república num balcão de negócios pra manter base parlamentar”¹¹.

Mas a crítica não se restringia ao Partido dos Trabalhadores, embora fosse seu principal alvo. Entre 1994 e 2013, Nobre (2022) ressalta que o presidencialismo de coalizão no Brasil, enquanto sistema de governabilidade, estava nas mãos de dois grandes partidos que operavam essa balança: o PT e o PSDB. Portanto, a intenção era criticar as forças políticas hegemônicas no país até então. “A gente considera o PSDB a linha auxiliar do PT. O PSDB tem uma postura muito frouxa na oposição. O Aloysio Nunes vem com aquele discurso que quer fazer o PT sangrar, mas quem está sangrando é a população”¹².

Para dar visibilidade às suas ideias, as redes sociais ocuparam papel central na construção da imagem de Kim como nova liderança política. Na era da crise da representação, as dinâmicas sociais foram catalisadas de forma que indivíduos almejam se sentir representados a partir das suas subjetividades. Dentre as estratégias utilizadas, Santos e Chagas (2018) destacam: (1) uso de narrativas pessoais e personalizadas sobre a política; (2) memes políticos

¹¹ Kim Kataguiri participa da quarta mesa da programação especial da TV Folha. A entrevista foi realizada, no dia 12 de maio de 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IMooUEEtfE10&t=261s>>.

¹² Entrevista concedida ao Jornal da Gazeta, em 24 de março de 2015. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=6Y8hWg6d0K4>>.

Revista Ponto-e-Vírgula, São Paulo, V. 2 n37e69070

Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - PUCSP

<https://revistas.pucsp.br/pontoevirgula>

..... Artigo

que se utilizam do humor e referências à cultura pop e (3) abreviação de informações com intuito de torná-las atrativas aos indivíduos.

Sobre (1), o discurso adotado por Kim e pelo MBL após o *impeachment* foi “eu derrubei o PT” (Santos; Chagas, 2018, p.194). Em muitas entrevistas e vídeos nas suas redes sociais, ele ignora o papel do Congresso com relação ao processo político. Sua atuação foca no que Santos e Chagas (2018) definem como modelo organizacional que demanda constantemente o engajamento da sua audiência no meio digital. Um exemplo:

É claro que a gente está feliz porque a gente afastou completamente a possibilidade de viver uma ditadura totalitária sob a égide do PT [...], mas agora a gente precisa ter consciência que todo o engajamento que a gente teve na campanha pra ajudar a eleger Bolsonaro e pra ajudar a renovar o Congresso precisa continuar [...].¹³

Sobre (2), o foco é conduzir mentes, o que Dardot e Laval (2016) destacam no modelo neoliberal como forma mais eficaz de controle. Kim recorre a diversas estratégias para atingir um público jovem com perfil focado na cultura pop ao utilizar plataformas como o Discord, canais no YouTube e TikTok exclusivo para games (Katagames). Ele também prepara conteúdos políticos com memes e pautas de importância para este público, como taxaço e impostos. “A irreverência comumente associada a memes e o debate muitas vezes polarizado que marca discussões políticas on-line no Brasil preparam o ambiente para o casamento entre o populismo liberal e as redes sociais” (SANTOS; CHAGAS, 2018, p.92).

A ideia é comunicar por meio de peças que incorporam discurso mais publicitário, produzido especificamente para as mídias sociais. Uma das técnicas para chamar atenção da audiência é usar “[...] imagens com legendas sobrepostas, um formato de meme de internet bastante recorrente, que aposta no suspense entre a legenda no topo e a legenda no pé da imagem, com a quebra de expectativas aferida pela representação não verbal no fundo” (SANTOS; CHAGAS, 2018, p.207).

Abreviação de informações (3), como *clickbait* e canais de corte, também são utilizadas para atrair eleitores e colocar o deputado no centro dos acontecimentos políticos. “Enquanto a pior presidente da história gasta R\$3 milhões do fundo eleitoral para fazer campanha, eu não gasto 1 centavo e quero ser eleito para desfazer todas as besteiras que ela fez”. Essa foi uma

¹³ Vídeo publicado no canal de Kim Katagui no YouTube, em 28 de outubro de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PRO9FSpZ4_4>.



Artigo



postagem feita no perfil do Instagram de Kim, no dia 13 de setembro de 2018. Como tática, ele assume o lugar de fonte noticiosa, com legenda como se estivesse dando um furo jornalístico, *print* de matéria e letras grandes com destaque para o valor gasto na campanha de Dilma Rousseff. Não aprofunda o conteúdo e destaca apenas o que lhe interessa, enfatizando seu papel como o único a conseguir resolver os problemas da República. “[...] o movimento parece estar mais interessado na construção de identidades do que propriamente na articulação de interesses coletivos (SANTOS; CHAGAS, 2018, p.199).

Como *anti-establishment*, Kim é muito hábil em explorar as contradições do sistema político e econômico em que opera. Ele se apresenta como agente de mudança radical, para ganhar apoio popular, enquanto se beneficia das mesmas estruturas que critica - vide ter sido eleito deputado federal. Explorando a retórica neoliberal para promover a ideia de que é o verdadeiro defensor da liberdade e da autonomia individual contra um Estado opressivo e corrupto, promete desafiar o *status quo* e representar os interesses do povo comum. Um apelo claro para as emoções e preocupações do eleitorado.

4. A RETÓRICA DO ÓDIO E O PARTIDO DO EU

Surgir de um movimento, o MBL, rendeu a Kim cerca de 6,2 milhões de seguidores, somando sua audiência no Instagram, Facebook, Youtube, X e TikTok. Isso permitiu criar uma plataforma de campanha eleitoral, mobilizar emoções e entrar no campo político. Em seu discurso, faz uso de duas estratégias: mobiliza o ódio como gatilho emocional e se sobrepõe à sua legenda, fazendo do partido algo que é relevante apenas dentro das instituições governamentais - uma vez que é obrigatório filiar-se a um partido para se candidatar a um cargo público no Brasil.

Kim tornou-se figura pública e política alçando o eleitor a um patamar acima. A população passou a ter o “papel de personagem ativo da campanha como integrante de uma militância que atua constantemente nas discussões políticas e no compartilhamento de informações do candidato” (CHICARINO; SEGURADO, 2019, p.11). Sua principal “arma” foi usar um discurso, como define Kakutani (2018), como meio para “suprimir o pensamento crítico, inflamar a intolerância [...]” (idem, p.113).

Lobo (2018) entende discurso como a relação entre a língua e a ideologia - que pode ser compreendida como um modo de interpretar o mundo e lhe conferir um significado (Rosas e Ferreira, 2014, p. 5). Dito de outra forma, “[...] discurso é material simbólico, é janela para o



Artigo



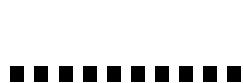
estudo do funcionamento dos mecanismos de produção dos sentidos, é confronto do simbólico com a ideologia” (LOBO *apud* BRASIL, 2018, p.43). Talvez por isso, Kakutani (2018) lembra o que Orwell escreveu, já em 1954, que o “caos político está ligado ao declínio da linguagem, ao separar palavras de seus significados e abrindo um abismo entre os objetivos reais e os declarados de um líder” (p.111).

A alta exposição somada ao consumo e a produção gerada pelas mídias do MBL permitiram que o discurso e a imagem de Kim tivessem projeção nacional sem a necessidade dele viajar por todos os estados. “A revolução digital tem consequências estruturantes para a maneira de perceber e fazer política” (NOBRE, 2022, p.92). Na prática, a nova sociabilidade digital favoreceu os *outsiders*, que conseguem contornar os *gatekeepers* convencionais da comunicação e os da política estabelecida, que tinha a vantagem do “palanque” e da propaganda partidária para difundir seus ideais. É preciso observar que o ambiente digital altera as regras da comunicação pública aproximando sujeitos, antes inacessíveis.

É justamente o funcionamento das redes sociais que potencializou o discurso de Kim. Para reter o usuário na rede, as *Big Techs* fornecem serviços sob medida, fazendo uma espécie de edição da *web*. Se tudo é filtrado, as redes sociais comportam-se como agentes confirmatórios de um olhar sobre a realidade, uma vez que são descartadas ou minimizadas a fricção de perspectivas diferentes, formando uma realidade cada vez mais polarizada. “[...] os pontos em comum entre cidadãos de partidos políticos opostos estão desaparecendo rapidamente, e a própria ideia de consenso está se tornando coisa do passado” (KAKUTANI, 2018, p.131).

Eli Pariser (2011) chamou esse processo de personalização, classificação e inserção de identidades em grupos específicos de “filtros bolha”. Logo, as plataformas, por meio dos algoritmos, se tornaram um meio determinante para a formulação do pensamento e o comportamento político-social das pessoas. “Nesse processo de interlocução existem sujeitos se constituindo” (LOBO, 2018, p.43).

Silveira (2017) define algoritmo como “[...] o conjunto de instruções introduzidas em uma máquina para resolver um problema bem definido”, o que evidencia, no sujeito oculto da frase, a ausência de neutralidade no sistema que governa as redes sociais. Esse sistema de edição algorítmica reforça, em nome da audiência, a lógica discursiva aqui chamada de retórica do ódio. A mobilização de mentes, com a ideia de que o outro é inimigo e a agressão é



Artigo



normalizada, é ideal para o surgimento de um discurso que em nada tem a ver com práticas democráticas. A internet, portanto, possibilitou que grupos de ódio encontrassem uma plataforma acessível e com grande alcance.

A exploração de componentes emocionais em campanhas políticas não é novidade em nenhum contexto eleitoral; a novidade é a incorporação das redes digitais e da forma de disseminar o ódio aos adversários políticos e o arruinamento de reputações (CHICARINO; SEGURADO, 2019, p.15).

A construção narrativa da retórica do ódio está ancorada em três pilares, dos quais dois são destaque neste estudo, pois são utilizados amplamente por Kim em seu discurso. O primeiro é o analfabetismo ideológico. Rocha (2021) esclarece que sua base está no radicalismo. Um exemplo desse tipo de retórica seria demonizar o que é diferente de forma simplória e automática: uma vez que você não compactua da mesma ideia que eu, você seria contra aquilo que eu acredito. Essa falta de lógica discursiva impede em sua totalidade qualquer mediação, fazendo com que haja apenas duas possibilidades: aderência total àquela crença ou automaticamente ser considerado um inimigo.

Um exemplo claro dessa lógica está numa fala de Kim, após o então deputado Jean Wyllys, em 2017, abrir requerimento na CPI dos Crimes Cibernéticos para que representantes do MBL prestassem depoimento.

[...] parece que existe algum tipo de perseguição política por parte dele. Um abuso de poder. [...] Como assim, prestar depoimento, deputado Jean Wyllys? Quem tem que prestar depoimento é criminoso. São pessoas, por exemplo, do Partido dos Trabalhadores, grandes empreiteiras, grandes empresários que fizeram acordo com o Partido dos Trabalhadores. Você quer falar de crimes de ódio na internet, mas você não cita todas as difamações, todas as calúnias feitas por blogs pagos pelo Partido dos Trabalhadores, pagos com dinheiro do Petrolão comprovadamente, que fazem calúnias contra o Movimento Brasil Livre, contra mim, contra todos que protestam contra esse governo. Então, antes de querer inventar CPIs, inventar requerimentos, desviar completamente o foco, utilizar dinheiro público pra fins pessoais, por favor, olhe pra seu próprio umbigo. Olhe pro partido que você defende. Você não defende o impeachment da presidente Dilma Rousseff porque você compartilha dos ideais criminosos dela.¹⁴

O segundo pilar é a hipérbole descaracterizadora, que cria proporções exageradas para argumentos. As ideias são entregues de forma embaralhada e difusa, como na fala de Kim: “A gente afastou completamente a possibilidade de viver uma ditadura totalitária sob a

¹⁴ Vídeo postado no canal do Youtube do MBL em 17 de março de 2017. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=k6UfUwofrrQ>>.

Revista Ponto-e-Vírgula, São Paulo, V. 2 n37e69070

Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - PUCSP

<https://revistas.pucsp.br/pontoevirgula>



Artigo



égide do PT”¹⁵. O objetivo é criar uma abordagem sem aprofundamento em qualquer um dos pontos levantados. O consumidor desse conteúdo torna-se incapaz de realizar uma análise crítica e negar dados objetivos que contradigam aquilo que está sendo proposto, uma vez que esses não fazem parte desse tipo de retórica (ROCHA, 2021).

Esse comportamento em um ambiente digital gera um ponto cego que facilita a cristalização de convicções, como, por exemplo, Kim sempre atrelar ao PT a ideia de corrupção em discursos como “o pessoal do PT conseguiu chamar a CUT e o MST para Nova York sabe-se lá com que dinheiro eles fizeram isso”¹⁶.

Pela forma como as redes se organizam, o discurso de ódio gera engajamento para quem publica, neste caso Kim, que passa a ter mais espaço para entrega de conteúdo direcionado, e para os receptores, que consomem cada vez mais o conteúdo que lhes interessa. “Não existe para o ódio fatos, apenas interpretações. Se configura em sua extrema capacidade de “aglutinar delírios singulares e iras heterogêneas” para com isso criar um laço social representativo” (LOBO, 2018, p.64).

Kim está orientado por uma agenda política profundamente personalista. Ele torna um fato real, a partir da sua interpretação dos eventos políticos e do cenário nacional, construindo no imaginário popular uma lenda autocentrada capaz de “consertar” a instabilidade social vivida a partir de Junho de 2013. “[...] narrativa de caráter explicativo, não se poderia esquecer, no entanto, que o mito é também potência mobilizadora. À função de reestruturação mental do imaginário político corresponde, então, uma outra, que é de reestruturação social” (COLOMBO *APUD* GIRARDET, 2021, p.103). E mais: “Assim, o fator determinante para a ocorrência do fenômeno mitológico não é o matiz ideológico, mas a presença de contexto de instabilidade social” (idem, p.105).

Em uma “atitude orwelliana” (Kakutani, 2018, p.138), os conteúdos de Kim nas redes são baseados “[...] em narrativas egocêntricas pré-fabricadas que ou ratificam as crenças do público ou reforçam seus piores medos” (idem, p.139). Portanto, ao customizar sua propaganda para fazer parecer que expressa a vontade e os temores do eleitorado, chega ao Congresso “canibalizando” um partido convencional, fazendo dele um meio para difundir suas próprias

¹⁵ Idem, 8.

¹⁶ Vídeo postado no canal do Youtube do MBL em 22 de abril de 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=eUrwRdqxSuc>>.



Artigo



aspirações e as do MBL. Uma nova representatividade política, a partir desse híbrido entre a obrigatoriedade de uma filiação partidária e narrativas personalistas produzidas e disseminadas nas redes sociais.

Para Manin (1995), o governo representativo, criado no final do século XVIII, primeiro era restrito a “aristocratas ingleses, proprietários fundiários americanos e homens de leis franceses” (idem. p.11). Depois se torna o “governo dos partidos”, quando surgem os partidos de massa, que ganham força com a extensão ao direito de voto e tinha como clivagens eleitorais os reflexos de divisões de classe.

Com os oligopólios da comunicação (televisão e rádio), surge a “democracia do público”. Passa a ser comum que a aproximação se dê majoritariamente pelas propostas, ideais e postura do candidato, e não necessariamente pelo partido ao qual ele está vinculado. Não há customização, uniformização dos discursos. Para o eleitor, ganha peso as particularidades do indivíduo ou movimento ao qual ele representa.

Para Nobre (2022), essas definições não se ajustam totalmente à nova sociabilidade digital, onde a customização de informações para atingir diferentes públicos e a lógica do mundo virtual sobrepõem os veículos de massa. A “democracia digital”, terminologia usada pelo autor, parece mais adequada para entender Kim. “É ilusório - e praticamente temerário, já que põe em risco a própria democracia - continuar a entender a situação atual como se as instituições estivessem funcionando como a teoria diz que funcionam” (idem, p.88).

Em consequência desse novo quadro, Nobre (2022) vai destacar os “partidos plataforma” e os “partidos digitais”. Nos dois casos, o fazer política é fundado na tecnologia digital, diferentemente dos partidos já estabelecidos, que se adaptaram ou não ao digital. “Está estabelecido que a disputa tem que se guiar por analíticas e métricas em um ambiente de “oferta” extremamente amplo e diversificado (idem, p.94). A relação com a base de dados está diretamente ligada a moldar a atenção do eleitor-consumidor.

Enquanto os “partidos plataforma” tendem à institucionalização, a premissa do “partido digital” é ser um partido de *outsiders* (NOBRE APUD GERBAUDO, 2022, p.116). Ele é formado a partir de movimentos e de organizações com expressão eleitoral, como é o caso do MBL de Kim, que “hackeiam” partidos existentes (Nobre, 2022), usando a estrutura partidária e institucional “[...] de maneira meramente utilitária, como meios para expansão de suas bases e para obtenção de resultados eleitorais” (idem, p.122).



Artigo



Nas plataformas e redes sociais, a personalização típica da "democracia de público" tende a se intensificar, criando o que Gerbaudo define como ‘hiperlíder’, impulsionando “[...] a prevalência do hiperengajamento na determinação dos rumos da política quanto o favorecimento de pautas e de grupos *outsiders*, marginalizados pela mídia tradicional” (NOBRE, 2022, p.98).

O ambiente digital favoreceu os *outsiders*. A *virtù*¹⁷ de Kim foi sua perspicácia em se postular como herói e salvador de uma nação que “acordara” para um sentimento adormecido. Ele não apenas enxergou a oportunidade que se formava com a consolidação do uso das redes sociais, como explorou o sentimento de revolta e descontentamento de uma população já cansada e de opinião pré-moldada pelo governo.

Os estados que nascem subitamente — como todas as outras coisas da natureza que nascem e crescem depressa — não podem formar suas raízes e ramificações, de modo que sucumbem na primeira tempestade. A menos que — como já disse — aqueles que repentinamente se tornaram príncipes sejam de tanta *virtù* que saibam rapidamente se preparar para conservar aquilo que a fortuna lhes colocou nos braços e estabeleçam depois os fundamentos que outros estabeleceram antes de se tornarem príncipes (Maquiavel, 1996, p.28).

A eleição de Kim, assim como a de outros políticos que o sucederam, reflete como o digital impôs uma nova lógica política. O carisma, o discurso de ódio, o eu como projeto e o funcionamento das redes impulsionam um tipo de representatividade partidária que consolida o “Partido do Eu”. Esse sistema beneficia discursos oportunistas que contestam a institucionalidade, dando chance de ganhar um lugar na arena política *outsiders* como Kim. O questionamento que fica é se a chegada ao poder é um fim em si mesmo ou, se no horizonte, pôr fim à institucionalidade democrática é o objetivo.

5. CONSIDERAÇÕES

Na era da internet, o excesso de informação garante que seja alçado ao patamar de personalidade midiática a voz mais alta e a opinião mais chocante. Quem sobressai, ganha mais atenção, cliques, comentários e, principalmente, poder de mobilização. Numa época marcada pela ruína do coletivismo e pelas enormes desigualdades sociais, quem habilmente emprega a retórica antissistêmica pode ser reconhecido como líder de um povo. Quem sobressai, ganha as

¹⁷ Termo usado por Nicolau Maquiavel em sua obra O Príncipe, para descrever a habilidade política de um líder para alcançar e manter o poder.



Artigo



urnas. A habilidade de Kim Kataguiuri foi sua perspicácia em fazer desse legado pós-moderno uma receita para conquistar espaço na política brasileira.

Sua eleição ao cargo de deputado federal, alcançando o quarto e décimo lugar no Brasil, respectivamente, em 2018 e 2022, foi reflexo de uma dinâmica maior em curso na sociedade: a crescente polarização das ideias, a crise de representatividade partidária, a descrença nas instituições e, sobretudo, a profusão das redes sociais, fortalecendo o isolamento em bolhas.

O cenário que o favorece é um mundo cada vez mais desigual, onde o 1% mais rico, cerca de três mil pessoas, detém 43% dos ativos financeiros mundiais¹⁸. Talvez o mais alarmante é que a fortuna desses bilionários cresceu exponencialmente nas últimas décadas, período de ascensão do neoliberalismo. A participação de 0,0001% dos mais ricos na riqueza mundial subiu de 3% em 1987 para 13% em 2024¹⁹. O economista francês Thomas Piketty entende que tantos privilégios concedidos aos “supérrimos” têm como destino certo uma grande crise política.

Estamos numa situação não muito diferente daquela que levou à Revolução Francesa: há uma fuga para a dívida pública que se explica porque não se consegue fazer as classes privilegiadas pagarem. Na época era a nobreza que não queria pagar impostos. E como isso foi resolvido? Com uma crise política, com os Estados Gerais, a Assembleia Nacional e o fim dos privilégios da nobreza. Agora, de uma forma ou de outra, terminará do mesmo jeito.²⁰

Essa crise, na realidade, foi deflagrada nos últimos dez anos. Uma onda de protestos começou a surgir a partir de 2010 contra as políticas de austeridade e pró-democracia. A começar pela Primavera Árabe, movimento que iniciou na Tunísia e se espalhou por vários países árabes, exigindo democracia e melhores condições de vida; seguido da Europa, em 2011, pelos Indignados na Espanha, que protestam contra o tratamento dado à crise econômica do país; e batendo aqui no Brasil com as Jornadas de Junho de 2013.

¹⁸ Matéria publicada pela agência de notícias Reuters com dados divulgados pelo Ministro da Fazenda, Fernando Haddad. Disponível em: <<https://www.infomoney.com.br/politica/haddad-diz-que-proposta-do-brasil-ao-g20-sobre-tributacao-ganhou-peso-em-pouco-tempo/>>. Acesso em 06 de julho de 2024.

¹⁹ Dados divulgados em matéria da Folha de S. Paulo. Disponível em: <

²⁰ Thomas Piketty em entrevista concedida ao jornal El País em 28 de novembro de 2021. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/economia/2021-11-28/thomas-piketty-estamos-em-uma-situacao-semelhante-a-que-levou-a-revolucao-francesa.html>>. Acesso em 07 de julho de 2024.



Artigo



As revoltas democráticas que tomaram as ruas do País foi o primeiro movimento brasileiro notadamente organizado dentro das redes sociais. O período foi marcado por inúmeras manifestações, inicialmente contra o aumento no valor das passagens, mas que, ao se espalhar pelo Brasil, agruparam outras demandas e fortaleceram principalmente a insatisfação com o governo da então presidente Dilma Rousseff.

Na contramão, a classe política estabelecida não conseguiu atender ao chamado das ruas. Ao não se autorreformular, abriu espaço para que novos movimentos surgissem. Parte do discurso foi deslocado em direção aos valores conservadores e foi atravessado pela radicalização ideológica. As redes sociais foram o local em que as militâncias viram espaço para mobilização e formação de grupos. Foi neste contexto que surgiu o Movimento Brasil Livre (MBL) e Kim Kataguiri.

Toda a engrenagem do neoliberalismo, enquanto sistema econômico, cultural e político, vem enfraquecendo a democracia em todo o mundo e, conseqüentemente, abriu espaço para *outsiders anti-establishment* como Kim. Quando as pessoas passam a acreditar que a classe política e as instituições não só servem à mecânica do capital, como também não conseguem atender as demandas sociais, abre-se uma porta para figuras populistas e que têm na raiz do seu discurso a anti-institucionalidade.

Kim, junto com o MBL, aproveitou esse impulso antissistêmico, que na realidade, parece se enquadrar mais como uma onda anti-incumbente, ou seja, contra o governo em vigor. Com tanta insatisfação popular e descrédito nas instituições democráticas, a oposição tem saído vitoriosa, sobretudo, a “direita sem medo” (NOBRE, 2022), que vem se aliando à extrema direita para conseguir manter-se no poder. O populismo ganha força neste cenário como uma resposta à percepção de falta de democracia. Pode-se dizer, então, que a política neoliberal criou as condições para o surgimento desses movimentos.

Esse novo momento da direita é movido por paixões. A normalização do discurso de ódio, com a ideia do outro como inimigo, torna-se isca para atrair seguidores. Kim formou seu eleitorado ao utilizar sabiamente as redes sociais para construir uma plataforma política significativa, mobilizando milhões de seguidores e transformando-se em uma figura pública proeminente. Sua ascensão rápida e notável foi impulsionada pela capacidade de capitalizar o descontentamento popular eclodido nas revoltas democráticas de Junho de 2013. Seu sucesso

..... Artigo

eleitoral e influência política são testemunhas da mudança de paradigma na forma como os líderes políticos são percebidos e eleitos na nova “democracia digital”.

O uso habilidoso do populismo e da retórica antissistêmica permitiu a Kim transformar a indignação em capital político. E foi no mundo virtual onde construiu a sua jornada de herói. O enredo o projeta sempre como figura destemida que leva o clamor das ruas para o Congresso. Ao se concentrar na criação de uma imagem de salvador nacional e ao desacreditar sistematicamente seus oponentes políticos, o *outsider* encarna uma forma de política que privilegia a emotividade sobre a racionalidade, exacerbando divisões sociais e políticas já existentes.

A manipulação algorítmica das redes sociais desempenha um papel crucial nesse processo, criando bolhas de filtro que reforçam visões de mundo preconcebidas e perpetuam a polarização política. Enquanto está viciado em si mesmo, consumindo conteúdos cada vez mais personalizados, o eleitorado é direcionado ao voto ou a uma ideia. Portanto, as redes de Kim se transformaram numa poderosa plataforma política, fazendo dos seus ideais e, conseqüentemente, os do MBL, bandeiras do seu “partido digital” (NOBRE, 2022), que “*hackeia*” partidos existentes, usando a estrutura partidária apenas como meio institucional para obter resultados eleitorais e difundir seu arcabouço ideológico.

O *outsider* transforma-se de figura midiática em líder político ao converter o eleitor em espectador e consumidor, aproveitando o poder de identificação e alcance gerado pelas redes sociais para ampliar sua influência no comportamento de seguidores, e moldar suas perspectivas, interferindo diretamente na percepção da realidade. Portanto, a perspicácia de Kim é a mesma do sistema no qual está inserido. Segundo Han (2020, p.53), “a psicopolítica neoliberal é uma estratégia inteligente que visa agradar ao invés de oprimir”. Isso posiciona Kim não como um inimigo natural do sistema, mas um catalisador das insatisfações, um oportunista que capitaliza o impulso antissistêmico que ganhou força no Brasil na última década.

REFERÊNCIAS

BARROS. Thomás Z.; LAGO, Miguel. Do que falamos quando falamos de populismo. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

CASTELLS, Manuel. O poder da identidade. 9.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018.



Artigo



CHICARINO, Tathiana; SEGURADO, R. Rosemary. Um candidato customizado: as eleições presidenciais de 2018 e o papel das redes tecnossociais. In: Eleições 2018 e perspectivas para o novo governo. Cadernos Adenauer XIX, vol.1, Rio de Janeiro: Fundação Konrad Adenauer, 2019. p. 9-24.

COLOMBO, Renan. Desinformação e mitologia política: a presença de mitos em boatos desmentidos nas eleições presidenciais brasileiras de 2018. Porto, 2021. Disponível em: <https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/10924/1/TD_37833.pdf>. Acesso: 05 de junho de 2024.

CORE Talk sobre la Esfera Pública. Apresentado por Reinald Besalú. Universidad Pompeu Fabra, 13 de janeiro de 2022. Duração: 25 min. Entrevista com Paolo Gerbaudo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=CmMYIHEFaJU>>. Acesso em 09 de junho de 2023.

DARDOT, P., LAVAL, C. A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal. 6.ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

Eli Pariser: Tenha cuidado com os "filtros-bolha" online. TED, 2 de maio de 2011. Duração: 9 min. Palestra realizada por Eli Pariser. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=HKtvkvPNAsw>> Acesso em 03 de maio de 2023.

GERBAUDO, Paolo. Redes e Ruas – Mídias sociais e ativismo contemporâneo. São Paulo: Funilaria, 2021.

HAN, Byung-Chul. Psicopolítica – neoliberalismo e novas técnicas de Poder. 1.ed. Belo Horizonte: Áyiné, 2020.

KAKUTANI, Michiko. A morte da verdade: Notas sobre a mentira na era Trump. Intrínseca, 2018.

LOBO, Denis Augusto Carneiro. Bolhas de ódio: O ódio como componente político nas dinâmicas interacionais societárias mediadas por tecnologias de comunicação instantâneas (TICS). São Paulo, 2018. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/21081/2/Denis%20Augusto%20Carneiro%20Lobo.pdf>>. Acesso em 25 de junho de 2024.

MANIN, B. As metamorfoses do governo representativo. Revista Brasileira de Ciências Sociais: RBCS, v.10, n.29, p.5-34, 1995.

MAQUIAVEL, Nicolau. O Príncipe. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

NOGUEIRA, Marco Aurélio. Em defesa da política. 2.ed. São Paulo: Senac São Paulo, 2001.

ROCHA, João Cezar de Castro. Guerra cultural e retórica do ódio: crônicas de um Brasil pós-político. 1.ed. Goiânia: Caminhos, 2021.

Revista Ponto-e-Vírgula, São Paulo, V. 2 n37e69070

Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - PUCSP

<https://revistas.pucsp.br/pontoevirgula>



Artigo



SANTOS, João G. B.CHAGAS, Viktor. Direita transante: enquadramentos pessoais e agenda ultraliberal do MBL. Matrizes, São Paulo, vol.12, n.3, p.189-214, 2018.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu. Governo dos algoritmos. Revista de Políticas Públicas da UFMA, Maranhão, v.21, p.267-281, 2017.

VENERA, José I.SCHIAVONI, Daniel. Análise do discurso de Kim Kataguirí na Folha de S. Paulo no processo de impeachment da presidenta Dilma Rousseff. Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo, Brasília, v.10, n.27, p.57-72, 2020. Disponível em:<<https://rebej.abejor.org.br/index.php/rebej/article/view/314>>. Acesso em 03 de maio de 2023.

Recebido em: 2024-11-12

Aprovado em: 2025-03-05